

A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA COMO FENÔMENO NEOGRAMÁTICO DO NÍVEL PÓS-LEXICAL

- Cristine Ferreira Costa -



RESUMO: *In this paper, we examine the postlexical status of the process of vocalization of /l/ in Brazilian Portuguese. We present a characterization of this type of sound change based on statistical results taken from the quantitative analysis of spoken language. Our sample consists of 12 interviews of people living in Porto Alegre. First, the geometrical representation of the lateral segment and of the process of vocalization is analyzed. Secondly, we discuss the lexical/postlexical status of the vocalization process according to the hypothesis of the Neogrammarian Controversy resolution as proposed in Labov (1981) and reworked in Kiparsky (1988) and Labov (1994). Finally, we also discuss the opacity of the relationship between the processes of /l/ vocalization and of monophthongization of /ow/ diphthong.*

PALAVRAS-CHAVE: *Fonologia Lexical. Controvérsia Neogramática. Vocalização. Opacidade.*

1 INTRODUÇÃO¹

Neste artigo, analisamos o fenômeno de vocalização da lateral pós-vocálica no Português Brasileiro (PB) com base em dados empíricos extraídos da amostra da cidade de Porto Alegre do Banco VARSUL. Para tanto, assumimos os pressupostos formais do modelo não-linear da Fonologia Lexical (FL). Adotamos, como hipótese de trabalho, nos termos de Labov (1981), Labov (1994), a resolução da controvérsia neogramática. Partimos da proposta de Kiparsky (1988), que divide as regras em lexicais e pós-lexicais, correlacionando as características desses dois tipos de regras com o seu comportamento como regra variável difusionista ou neogramática.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: na seção 1, trazemos a proposta de Walsh (1997) para representação da lateral. Com base nessa representação, a vocalização da lateral pós-vocálica configura-se como processo natural, e não mais como regra telescópica.

Na seção 2, apresentamos a resolução da controvérsia neogramática conforme Labov (1994) e Kiparsky (1988). As propriedades da Fonologia pós-lexical e de processos tipicamente neogramáticos são apresentadas.

Na seção 3, trazemos os resultados obtidos através do programa VARBRUL para o fenômeno da vocalização em Porto Alegre. A partir desses dados, discutimos, na seção 4, as propriedades da vocalização

de /l/ segundo os aspectos apresentados na seção 2.

Por fim, na seção 5, discutimos a relação de *counterfeeding* do processo de vocalização de /l/ com o processo de monotongação de /ow/. Essa relação é mais uma evidência para acreditarmos na hipótese de que o fenômeno da vocalização seja pós-lexical e neogramático.

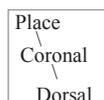
2 FENÔMENO DA VOCALIZAÇÃO: NATURALIDADE DA PASSAGEM l > w

Segundo Walsh², a classe das líquidas - róticas e laterais - pode ser distinguida apenas pelos traços de ponto de articulação. Essa distinção é feita pelos traços articulatórios relativos ao ponto de consoante desses segmentos.

Para a autora, as laterais são definidas pela complexidade do nó Ponto de Consoante (PC), interno à estrutura do segmento. Todas as laterais teriam, portanto, um traço CORONAL e um traço DORSAL preso ao PC.

A motivação para um e outro traço é extraída de várias línguas. Vejamos a representação proposta para o segmento lateral:

(1)

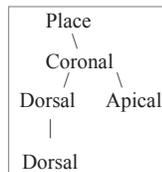


Cristine Ferreira Costa é Doutoranda PPGLT - UFRGS. Professora do Centro Universitário La Salle.



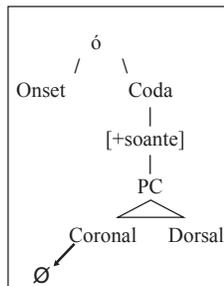
A diferença entre a lateral alveolar e a lateral velar é caracterizada a partir da hierarquia desses nós: a alveolar tem o nó CORONAL primário e o DORSAL secundário, e a velar tem o nó DORSAL primário e o CORONAL secundário. Já a lateral velarizada é representada com um nó DORSAL preso ao DORSAL:

(2)



A representação proposta por Walsh faz previsões interessantes para nosso trabalho. Primeiro, porque os segmentos [ɬ] e [w] são diretamente derivados da lateral alveolar subjacente /l/. Segundo, porque esse processo é simples: a derivação de [ɬ] consiste apenas no acréscimo de um traço DORSAL ao nó DORSAL. Já a vocalização consiste na perda do traço CORONAL e, conseqüentemente, na perda da lateralidade. Este último processo é apresentado na figura abaixo³.

(3)



O segmento [soante] criado por esta regra não pode, no entanto, ser licenciado, já que não faz parte do sistema fonológico do Português. Por este motivo, o nó [labial] é acrescentado ao PC.

Sendo um segmento com dois traços de ponto de articulação, a teoria prevê que o desligamento do traço [coronal] produz um segmento dorsal, ao passo que o desligamento de [dorsal] produz um segmento coronal. Isso é constatado em exemplos de diversas línguas, entre elas, o *Kanite*, na qual há um processo que deriva a oclusiva coronal [t] da lateral velar [L], e o *Inglês Jamaicano*, na qual há o espraçamento do nó dorsal

do segmento lateral em encontros consonantais formados por obstruinte coronal + lateral⁴.

Uma das previsões interessantes dessa representação refere-se à possibilidade de descartarmos o processo de telescopia. A noção de telescopia para a vocalização de /l/ foi proposta primeiramente por Lopez – para o português carioca – e adotada por Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001) – para o português do Sul do Brasil. O conceito de regra telescópica é explicado por Hyman (1975:173):

The phenomenon of telescoping can be defined generally as the loss of an intermediate stage in a phonological derivation.

Segundo Hyman, a telescopia é um dos fenômenos responsáveis pela desnaturalização⁵ aparente de regras fonológicas. A regra telescópica é evocada, no trabalho de Lopez, para explicar a perda de estágios intermediários no português carioca. Espiga (2001) considera os seguintes estágios: $l > \text{ɬ} > \text{l}^w > w > \emptyset$. O problema desse tipo de abordagem é que prevê estágios não atestados na fala. Por exemplo, muitos falantes não produzem a lateral velarizada, ou seja, apresentam apenas a lateral alveolar em ataque silábico e a semivogal em coda. Contudo, a produção da semivogal implicaria, necessariamente, a presença de um estágio intermediário não produzido pelo falante: a lateral velarizada.

Acreditamos, contudo, que esses estágios confirmam a hipótese de gradação do fenômeno da vocalização. A possibilidade de a passagem de $l > w$ poder ser expressa por um processo natural, a partir da proposta de Walsh, confirma a suspeita de que a vocalização é gradual, já que envolve a ativação de poucos traços. A gradação, como se verá mais adiante, é uma propriedade importante para classificação do fenômeno como processo pós-lexical e neogramático.

3 A RESOLUÇÃO DA CONTROVÉRSIA NEOGRAMÁTICA ATRAVÉS DA FONOLOGIA LEXICAL

A escola neogramática iniciou no final do século XIX pelos estudiosos alemães K. Brugmann e S. A Leskien. À hipótese neogramática subjaz a idéia de que a mudança de som é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta, ou seja, um processo fonético de mudança não tem condicionamento

gramatical e aplica em todas as palavras com contexto para aplicação.

Only if the 'phonetic system' is independent of the grammar and lexicon will it follow that the phonological structure of utterances cannot be determined by their grammatical-lexical structure (Kiparsky, 1988:366)

Casos que fugiam da regra geral eram explicados a partir da analogia e do empréstimo. A mudança, sob o ponto de vista neogramático, sempre era vista como regular.

Na segunda metade do século XX, porém, estudos realizados sobre diversos dialetos chineses apontam para uma hipótese inversa à dos neogramáticos. W. Wang⁶ sugere que a exceção presente em uma língua num dado momento histórico seja oriunda de uma mudança regular, atuante em um momento anterior. Conforme a hipótese difusionista, a mudança de som é lexicalmente gradual. Nem todas as palavras são afetadas ao mesmo tempo. A mudança também é foneticamente abrupta. Nas palavras afetadas por esse tipo de mudança, todos os sons (ambiente de aplicação de um determinado fenômeno) são atingidos.

Por um lado, a unidade mínima de mudança é o som – hipótese neogramática. Por outro, a palavra – hipótese da difusão lexical. Labov (1981) apresenta tipos de fenômenos que sustentam tanto o ponto de vista neogramático quanto o ponto de vista difusionista. Para solucionar o impasse entre a difusão lexical e a mudança neogramática, propõe a aplicação das mesmas em níveis diferentes, um mais abstrato e outro mais superficial, respectivamente.

The paradox can be resolved by distinguishing abstract phonological change from change in low-level output rules. (Labov, 1981:267)

Kiparsky (1988) interpreta a hipótese de aplicação desses tipos de regras a partir da Fonologia Lexical. Segundo o autor, a difusão lexical é propriedade do léxico, ao passo que a mudança neogramática é propriedade do pós-léxico.

The position to be defended here is that lexical diffusion is a property of lexical rules. That is, take the differences not as **results** of the two types of sound change but as **preconditions** for them. (1988:399)

A Fonologia Lexical (FL) prevê que o subsistema fonológico é organizado em módulos

onde se aplicam regras que acessam informações morfológicas ou puramente fonológicas, dependendo do âmbito ao qual se aplicam. O léxico é o lugar onde acontece a formação de palavras, a partir da interação de regras morfológicas e fonológicas. Já o pós-léxico é o lugar onde ocorrem regras fonológicas após a combinação dos itens lexicais no componente sintático.

Segundo a FL, as regras carregam uma especificação que determina o domínio de aplicação. Essas propriedades são apresentadas abaixo com base nos textos de Gussenhoven e Jacobs (1998) e Kaisse e Shaw (1985).

(4)

Regras Lexicais:	Regras Pós-lexicais:
a) Podem referir a categorias morfológicas;	a) não podem referir à categoria gramatical
b) Podem ter exceções	b) não têm exceções
c) Obedecem ao Princípio de Preservação de Estrutura (PPE)	c) não obedecem à Preservação de Estrutura
d) são acessíveis à intuição do falante nativo	d) não são facilmente acessíveis à intuição do falante
e) não são sensíveis à informação entre fronteira de palavras	e) podem ser sensíveis à informação entre fronteira de palavra
f) têm que preceder todas as regras pós-lexicais	f) têm que seguir todas as regras lexicais
g) as que aplicam no nível cíclico obedecem à Condição de Ciclo Estrito (CCE)	g) não obedecem à Condição de Ciclo Estrito

Ao lado das características que especificam o módulo de atuação das regras no modelo da FL, há também propriedades que especificam o tipo de mudança, se difusionista ou neogramática. As propriedades para os tipos de mudança são apresentadas por Labov (1981:296) e Kiparsky (1988:398).

(5)

	Difusão Lexical	Mudança Neogramática
Discreta	sim	não
Condicionamento fonético	grosso	fino
Exceções Lexicais	sim	não
Condicionamento gramatical	sim	não
Socialmente afetada	não	sim
Previsível	não	sim
Aprendível	não	sim
Categorizada	sim	não
Entradas de dicionário	2	1

Muitas dessas propriedades combinam: regras lexicais comportam-se como mudança difusionista, ao passo que regras pós-lexicais comportam-se como mudança neogramática. Por



essa razão, especificamos no próximo quadro quais são as características consideradas para análise da vocalização de *l*.

(6)

	Difusão Lexical (Regras Lexicais)	Mudança Neogramática (Regra Pós-lexical)
Discreta	sim	não
Condicionamento fonético	grosseiro	fino
Exceções Lexicais	sim	não
Referência à categoria gramatical	sim	não
Socialmente afetada	não	sim
Previsível	não	sim
Categorizada	sim	não
Princípio Preservação Estrutural	sim	não
Intuídas por falantes nativos	sim	não
Sensibilidade à informação fronteira palavra	não	sim

Discreta versus gradual

Uma regra discreta - difusionista - produz um output binário. MacMahon (1991) apresenta como exemplo a regra de prolongamento de vogal no Escocês (*Scottish Vowel Length Rule* ou SVLR). Esta regra é lexical para a autora. Uma das características que sustentam o ordenamento proposto por MacMahon (1991) é justamente a produção de um output binário: nesse caso, sons vocálicos longos opõem-se a sons vocálicos curtos. Esta propriedade está diretamente relacionada à percepção do falante. Mudanças neogramáticas, ao contrário, são foneticamente graduais, ou seja, podem produzir uma variação entre esses dois pólos. Se neogramática, um tipo de mudança como a SVLR do escocês produziria segmentos longos ou curtos gradualmente, ao invés de categoricamente longo ou curto. As regras tipicamente neogramáticas, que aplicam no pós-léxico, portanto, produzem *outputs* não binários, seguindo uma escala que varia de acordo com a natureza do contexto fonético seguinte.

Condicionamento fonético

As mudanças neogramáticas são sensíveis ao contexto fonético e não apresentam condicionamentos gramaticais. Já as mudanças difusionistas são gramaticalmente condicionadas e sofrem nenhum ou pouco condicionamento fonético. Segundo Harris (1989: 45), a regra de *æ-tensing* do inglês de NY e Belfast é sensível apenas à estrutura morfológica da palavra.

The effect of the rule manifest themselves in forms containing a surface

heterosyllabic tensing consonant if this is immediately followed by a word - internal morpheme boundary.

Retomando MacMahon (1991), a regra de prolongamento de vogal do escocês é sensível à estrutura morfológica da palavra, pois aplica no final da palavra (fronteira) e antes da flexão regular. A regra de prolongamento aplica em formas como *tie*, *tied* e *ties*, mas não em *tide*.

Exceções

As regras que caracterizam mudanças difusionistas não aplicam em todas as formas onde encontram sua descrição estrutural. Ao contrário, pode haver exceções lexicais às quais uma regra de difusão lexical não aplica. Segundo MacMahon (1994), uma mudança pode ser caracterizada como difusionista quando não afeta 100% de seu vocabulário elegido. Por outro lado, as mudanças neogramáticas tendem a aplicar *across the board*, sem exceções.

Referência à categoria gramatical

As regras lexicais são sensíveis à informação morfológica. Gussenhoven e Jacobs (1998) apresentam uma regra que apaga o [n] em final de palavra depois de [ə] (exemplo: [te:kən]n > te:kə - "sinal"). No entanto, quando [ən] faz parte do radical verbal, o apagamento não ocorre ([te:kən]v > tekən - "extrair"). Essa regra - *n-deletion* - opera, portanto, em categorias nominais, mas não em categorias verbais.

Fatores sociais

Fatores sociais estão relacionados a mudanças tipicamente neogramáticas. Essas mudanças são socialmente afetadas e o falante não tem nenhum grau de consciência social: o fenômeno não é percebido pela comunidade como indicador de prestígio ou estigma, por exemplo. Mudanças difusionistas, ao contrário, carregam alto grau de consciência social, de modo que, nesse caso, a escolha por uma ou outra variedade reflete o uso consciente do falante.

Previsibilidade

A mudança neogramática ocorre em ambientes previstos e pode ser aprendida por falantes que não possuem a variedade linguística implementada por esse tipo de regra. A previsibilidade de uma mudança neogramática deve-



se ao fato de este tipo de processo operar em todas as formas que contenham seu contexto de aplicação.

Categorização

Outra característica das mudanças difusionistas é a categorização. Mudanças que se difundem lexicalmente são categorizadas, ou seja, os falantes conseguem distinguir uma forma *input* e uma forma *output*. Em mudanças neogramáticas isso não é observado. Esta propriedade - ser categorizável - está diretamente relacionada ao fato de que a difusão lexical tipicamente envolve um contraste entre dois elementos. Esse tipo de mudança envolve dois fonemas ou duas entradas no dicionário. Já as mudanças neogramáticas operam em um nível mais baixo - superficial - não contrastivo.

Princípio de Preservação Estrutural

O Princípio de Preservação de Estrutura que atua no nível lexical proíbe a aplicação de regras que resultem estruturas (segmentos ou combinações) inexistentes no sistema subjacente da língua. A preservação implica que regras lexicais somente operem com distinção categórica - categórica não no sentido de 100% de aplicabilidade, mas no sentido de que se referem a contrastes fonologicamente distintivos, ou seja, a contrastes foneticamente discretos. No Inglês, há uma regra que cria as obstruintes aspiradas [p^h, t^h, k^h]. Essa regra obedece ao PPE: aplica no nível pós-lexical, pois cria segmentos novos que não estão incluídos no inventário fonológico lexical dessa língua⁷.

Intuição do falante nativo

De acordo com essa propriedade, o falante nativo é capaz de distinguir se segmentos foneticamente diferentes têm a mesma representação subjacente ou se estão relacionados a diferentes representações. Conforme Gussenhoven e Jacobs (1998:122), o julgamento do falante nativo se refere ao inventário de segmentos lexicais.

Por exemplo, o processo de *flapping* - que ocorre em Inglês e aplica em segmentos como /t/ e /d/, *Adam* e *atom*, - faz com que consoantes intervocálicas sejam pronunciadas como [ɾ]. Porém, falantes nativos do Inglês são capazes de diferenciar /t/ e /d/, embora sejam iguais foneticamente. Neste caso, a intuição do falante

tende a obedecer ao *output* do nível lexical, já que *flapping* seria uma regra pós-lexical.

Sensibilidade à informação entre fronteira de palavra

As regras lexicais não são sensíveis à informação de fronteira de palavras, pois, conforme o sistema lógico derivacional proposto pela FL, essa combinação ocorre no componente sintático que está ordenado após o nível lexical, motivo por que somente regras pós-lexicais podem ter acesso a informações que se referem à combinação de palavras na sentença. Uma das razões pelas quais Bisol e Hora (1995) ordenam a palatalização no nível pós-lexical deve-se à aplicação dessa regra em ambientes formados por essa combinação. Em formas como “nes[tʃi]squina”, por exemplo, o gatilho da regra de palatalização é a vogal que inicia em outro item.

4 OS RESULTADOS ESTATÍSTICOS DA VOCALIZAÇÃO DE /l/

A fim de verificar algumas dessas propriedades, analisamos a vocalização de /l/ através do programa estatístico VARBRUL. Submetemos ao pacote, dados extraídos da cidade de Porto Alegre. Codificamos 12 entrevistas de informantes com nível superior completo.

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa foi a variável social *idade*. Apresentamos na tabela abaixo os índices obtidos para este grupo.

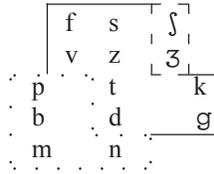
(7)

Faixas etárias	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
~20 a ~30 anos	623/634	98%	0,82
~30 a ~60 anos	621/675	92%	0,53
~60 a ~75 anos	336/444	76%	0,11
Input = 0,97		Significância = 0,000	

Conforme os resultados, a vocalização é mais comum na fala dos mais jovens. Os informantes na faixa etária dos ~30 aos ~60 anos mantiveram-se na faixa neutra, ao passo que os informantes mais idosos aplicam pouco a regra.

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico foi *contexto fonético seguinte* à lateral. Na figura abaixo, visualizamos as consoantes que favorecem e desfavorecem a regra de vocalização segundo nossos resultados.

(8)



□ >0,58 □ 0,45 ~ 0,55 □ <0,20

Conforme os resultados acima, as fricativas labiodentais e alveolar, bem como as oclusivas alveolares e dorsais favorecem a aplicação da regra (>0,55). Já as oclusivas bilabiais e as nasais são neutras à aplicação. As fricativas palatais, por outro lado, desfavorecem a vocalização.

Quando a lateral é seguida de pausa ou vogal há baixa probabilidade de aplicação da regra de vocalização. Especificamente seguida de vogal, a lateral se mantém como alveolar, já que, neste contexto, há ressilabação que desloca a lateral para *onset* silábico.

O terceiro grupo de fatores selecionado foi *contexto vocálico anterior* à lateral.

(9)

Tipo de vogal	Aplic./total	Percentual	Peso relativo
Vogal baixa /a/	240/245	98%	0,74
Vogal alta post. /u/	187/205	91%	0,41
Vogal alta ant. /i/	32/37	86%	0,26
Vogal média post. /o/	92/102	90%	0,25
Vogal média ant. /e/	13/16	81%	0,16
Input 0,98	Significância: 0,000		

Observamos, a partir da tabela acima, que /a/ favorece bastante a regra de vocalização. As outras vogais ficaram com peso abaixo de 0,45, o que evidencia desfavorecimento.

As variáveis descartadas pelo programa foram *categoria gramatical*, *acento*, *posição* da lateral e *sexo*.

5 A VOCALIZAÇÃO DE /l/: STATUS PÓS-LEXICAL E NEOGRAMÁTICO

Discreta versus gradual

A fim de verificar essa propriedade, realizamos um teste de percepção com alunos de graduação do curso de Letras que cursavam a disciplina de Fonologia. Submetemos várias ocorrências que mantinham a lateral alveolar em coda, que apresentavam a lateral velarizada ou que

sorriam o processo de vocalização. A vocalização de /l/, bem como as outras realizações deste segmento em coda, não foi percebida na maioria das vezes. Ao nosso ver, a vocalização é gradual, já que produz um contínuo que geralmente não é percebido pelo falante. Isso é decorrente da mudança de apenas um traço preso ao ponto de consoante de /l/, como vimos na primeira seção. Os estágios propostos por Espiga (2001) - $l > l^{\text{h}} > l^{\text{w}} > w > \emptyset$ - parecem comprovar o fato de que há uma variação gradual entre os *outputs* produzidos quando /l/ está em coda silábica.

Condicionamento fonético

Conforme os resultados estatísticos do programa VARBRUL, os fatores relativos ao contexto fonético anterior e seguinte à lateral parecem favorecer o processo de vocalização. O processo é favorecida quando consoantes labiais seguem a lateral, e desfavorecida quando as consoantes seguintes são fricativas palatais⁸. Com relação ao contexto anterior, a regra é altamente favorecida quando a lateral é precedida pela vogal /a/ e desfavorecida nos demais contextos.

Exceções

Conforme análise dos dados, não constatamos formas nas quais a regra categoricamente não se aplicava num determinado contexto. Sempre que a lateral está em coda silábica, a regra se aplica ou tem condições de se aplicar, o que confirma a aplicação *across the board*. Por exemplo, em fronteira de palavra, a possibilidade de aplicação da vocalização está condicionada ao tipo de segmento seguinte à lateral, como veremos mais adiante.

Referência à categoria gramatical

A variável *categoria gramatical* não foi selecionada pelo pacote estatístico, o que confirma que a regra não é sensível a esta informação. Por haver um alto número de *nomes*, em comparação com *verbos* e *outras* categorias, separamos os substantivos de adjetivos. Assim mesmo *categoria gramatical* não foi selecionada como relevante para aplicação da regra.

Também verificamos, a partir da variável *posição da lateral*, se a regra era sensível à informação sobre fronteira de morfema. Este grupo

foi descartado pelo pacote VARBRUL, motivo por que acreditamos que não estamos diante de uma regra que seja sensível a informações gramaticais.

Fatores sociais

A variável *idade* foi a primeira a ser escolhida como a mais relevante para a aplicação da regra de vocalização. A interferência de variáveis sociais é também apresentada por Tasca (1999:138).

Quer do ponto de vista da análise quantitativa, quer do da análise interacionista, a etnia revelou desempenhar um papel relevante na preservação da lateral.

A variável *idade* também foi selecionada no trabalho de Tasca (1999) e Espiga (2001). Os resultados desses trabalhos parecem confirmar a influência de variáveis sociais na aplicação de processos que envolvem a lateral pós-vocálica.

Previsibilidade

Parece haver previsibilidade com relação à regra de vocalização. Uma das variáveis selecionadas pelo pacote VARBRUL foi *condicionamento fonético* anterior e seguinte. Esta previsibilidade, contudo, não é acessível à percepção do falante: os resultados do teste de percepção mostraram isso. A previsibilidade parece ser proveniente do alto índice de aplicação da regra: em POA a vocalização se aplica em quase 100% dos casos⁹.

Categorização

A categorização é proveniente de processos *discretos*, ou seja, em que os falantes conseguem distinguir uma forma *input* e uma forma *output*. No entanto, fenômenos como a vocalização não apresenta essa propriedade. Não é produzido, nesse caso, um contraste binário, mas um *continuum* difícil de ser percebido.

Princípio de Preservação Estrutural

Em Português, a semivogal [w] não é distintiva. Produz-se, portanto, uma forma alofônica, o que indica que a regra não está no âmbito do PPE.¹⁰

Intuição do falante nativo

Segundo a noção de saliência fônica, se regras que aplicam em contextos mais proeminentes são percebidas pelos falantes, podemos supor que regras que aplicam em contextos menos

proeminentes não são percebidas. Conforme Tasca (1999:95), a vocalização afeta mais a sílaba átona:

Os números relativamente baixos atribuídos à sílaba átona, mostrando que a vocalização é nesta posição prosódica mais freqüente, confirmam mais uma vez o que as tabelas já descritas apontaram: o processo em estudo¹¹ é uma mudança em progresso, pois sílabas fracas, por serem mais suscetíveis à variação, oferecem o caminho para a implementação de uma mudança lingüística.

Isso parece ser confirmado pelo teste de percepção. Conforme os resultados obtidos, falantes do PB (e alunos de Fonologia) não conseguem distinguir, na maioria das vezes, as diversas realizações fonéticas de /l/ em coda silábica.

Uma evidência disso é a hipercorreção que ocorre na escrita: num texto de um aluno da sétima série de uma escola particular, a palavra “aumenta” foi escrita como “almenta”. Além disso, há também confusão com relação às formas plurais de palavras como “bacalhau” e “degrau”. Essas palavras freqüentemente são pronunciadas como “bacalhais” e “degrais”, pois o falante não consegue discernir que, nesses casos, a forma subjacente não é /l/, mas /u/.

Sensibilidade à informação entre fronteira de palavra

A vocalização parece ser sensível a essa informação. Em nossa amostra, há falantes que produzem tanto [l] como [ɫ] ou [w] em coda silábica. Esses falantes geralmente mantêm a lateral alveolar quando a palavra seguinte inicia por vogal. Exemplificamos com uma ocorrência do informante POA41.

(10)

Linha 517– “mil e uma noites”
[li]

A vocalização geralmente não se aplica nesse contexto. A ressilabação, que ocorre no componente pós-lexical após a combinação das palavras no nível sintático, desloca a lateral para posição de ataque. Por outro lado, quando a palavra seguinte inicia-se por consoante, a vocalização se aplica, já que a lateral permanece em coda silábica após a ressilabação. Ilustramos novamente com um exemplo extraído de POA41.



(11)

Linha 0036 – “Marechal Floriano”
[wf]

Em estudo recente¹², verificamos que toda a vez que a lateral alveolar é preservada há ressilabação. Essa preservação deve-se à vogal seguinte à lateral. A regra de vocalização, portanto, é sangrada pela ressilabação que ocorre após a combinação de palavras, o que confirma o seu caráter pós-lexical¹³.

A RELAÇÃO COUNTERFEEDING DA VOCALIZAÇÃO DE /l/ E MONOTONGAÇÃO DE /ow/

Segundo Collischonn (2002), as regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ estão numa relação de *counterfeeding*, ou seja, *a segunda regra produz potenciais contextos (ditongos) para a aplicação da primeira regra (a de monotongação), mas, por estar a primeira ordenada antes da segunda, não se aplica às formas geradas por aquelas* (p. 172). Conforme a autora, a relação entre essas regras denuncia um caso de opacidade, já que a monotongação é cega ao *output* gerado pela vocalização. Se arbitrário, o ordenamento poderia predizer resultados não atestados, como a forma *[soto] para “solto”.

(12)

/powko/	/solto/	vocalização
—	sowto	
poko	soto	monotongação
Output [poko]	*[soto]	

Portanto, o único ordenamento possível para formação do *output* correto no português brasileiro (PB) é o apresentado a seguir.

(13)

Nível lexical	/powko/	/solto/	
Pós-cíclico			
	poko	—	Monotongação

Nível Pós-lexical	—	/sowto/	Vocalização
Output	[poko]	[sowto]	

Segundo essa representação, a regra de vocalização deve estar ordenada após a regra de monotongação. Embora a regra de monotongação

de /ow/ não esteja sendo tratada neste artigo, apresentamos evidências em Costa (2003) que parecem confirmar a hipótese de esse seja um processo que ocorre no nível lexical. De qualquer forma, acreditamos ter apresentado dados suficientes para considerarmos que a regra de vocalização de *l* deve estar ordenada no nível mais baixo da Fonologia Lexical, por apresentar propriedades desse nível, e por se comportar como fenômeno neogramático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, L. (1999) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

BISOL, L. e HORA, D. (1995) A palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. *Estudos Lingüísticos e Literários*, nº 17, 11-23.

CLEMENTS, G. N. e HUME, E. V. (1995) The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.) *The handbook of phonological theory*. London: Blackwell.

COLLISCHONN, G. (2002). Fonologia Lexical e TO. *Letras de Hoje*. POA: v.37, nº 1, p.49-68.

COLLISCHONN, G. e COSTA, C. (2003) Resyllabification of laterals in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. AEJPL. v. 2.

COSTA, C. F. (2003) A aplicação das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ nos módulos da FL e as hipóteses difusionista e neogramática. *Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: Rumos e Desafios*. Porto Alegre: UFRGS.

ESPIGA, J. (1997). *Influência do espanhol na variação da lateral pósvocálica do português da fronteira*. Pelotas: UCPel (Dissertação de Mestrado)

_____. (2001) *O Português dos Campos Neutrais. Um estudo sociolingüístico da lateral pósvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar*. POA: PUCRS (Tese de Doutorado).

_____. (2002). A lateral pósvocálica na fronteira dos Campos Neutrais: estudo sociolingüístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. *Letras de Hoje*. POA, v. 37, nº 1, p.49-68.

GUSSENHOVEN, C. e JACOBS, H. (1998) *Understanding Phonology*. NY: Oxford.

HARRIS, J. (1989) Towards a lexical analysis of sound change in progress. *Journal of Linguistics*, nº 25, p. 35-56.

HYMAN, L. (1975) *Phonology – Theory and analysis*. USA: Holt, Rinehart and Winston, p. 173-178.

KAISSE, E. e SHAW, P. (1985). On the theory of lexical phonology. *Phonology Yearbook*, nº 2, p.1-30.

KIPARSKY, P. (1988) Phonological change. In: NEUMEYER, F. *Linguistics: the cambridge survey*. Vol.1. *Linguistics Theory Foundations*. Cambridge: CUP.

LABOV, W. (1981) Resolving the Neogrammarian Controversy. *Language*, nº 57, p. 267-308.

_____. (1994) *Principles of Linguistic Change*. Cambridge: Blackwell Publishers, vol. 1, capítulos 15-18.

MACMAHON, A. (1991) Lexical phonology and sound change: the case of the Scottish vowel length rule. *Journal of Linguistics*. nº 27, 29-53.

_____. (1994) *Understanding language change*. NY: Cambridge University Press.

QUEDNAU, L. R. (1993) *A lateral pós-vocálica no Português Gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. POA: UFRGS (Dissertação de Mestrado).

_____. (1994) A vocalização variável da lateral. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.29, nº 4, p.143-151.

TASCA, M. (1999) A lateral em coda silábica no sul do Brasil. Porto Alegre: PUCRS (Tese de Doutorado).

_____. (2002) Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: PUCRS.

WALSH, L. (1997). *The phonology of liquids*. University of Massachusetts Amherst (dissertation).

into generative phonology, it became possible to formalize not only the naturalness of segments and systems, but also the naturalness of phonological rules, thereby distinguishing linguistically significant generalizations from spurious or nonsignificant ones (p.153) Um exemplo de regra natural, apontado pelo autor (p.159), é a nasalização de vogais antes de consoantes nasais: V Õ [+nasal] / ___[+nasal] (C)

⁶ No artigo ‘Competing sound changes as a causa of residue’, publicado na revista *Language* de 1969.

⁷ Harris (1989), no entanto, aponta que processos como a dentalização em Belfast e a tensão de vogais em diferentes dialetos do Inglês são regras lexicais que não obedecem ao PPE.

⁸ Lembramos que a regra tem alto índice de aplicação. Na realidade, todas as variáveis seriam favorecedoras. Nossa discussão baseia-se exclusivamente no peso relativo.

⁹ No entanto, observamos que a lateral pós-vocálica varia tanto com a lateral velarizada e a semivogal quanto com ZERO. Neste último caso, há claramente condicionamento fonético: /l/ só é apagado em formas como “difícil”, produzida, na maioria das vezes, como [dʒiˈfɪs] em orações como “é muito difícil”.

¹⁰ Além disso, considerando que velarização varia com vocalização no mesmo nível, se produziria outro alofone: a lateral velarizada.

¹¹ Preservação da lateral velarizada.

¹² Collischonn e Costa (2003).

¹³ Esse nos parece um motivo crucial para considerar a regra como pós-lexical, embora sua aplicação seja quase categórica em Porto Alegre.

Notas:

¹ Este artigo sintetiza parte do estudo que realizamos no curso de mestrado da UFRGS. Para um aprofundamento das questões aqui tratadas, consultar COSTA, C. *Fonologia Lexical e Controvérsia Neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2003

² Walsh adota a estrutura geométrica proposta por McCarthy (1988).

³ Walsh apresenta um caso parecido com esse extraído do Mehri (Árabe Semítico). A representação é feita tal qual a sugerida pela autora (p.39).

⁴ A autora apresenta outras evidências para sustentar a hipótese PC complexo que poderão ser consultadas na obra.

⁵ Há abordagens diversas para definição de regra natural. Conforme Hyman, *with the introduction of markedness theory*